
COLCHA DE RETALHOS: DAS REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC/SC

Ana Carina Baron Engerhoff¹
Fabiana Giovani²

Resumo: Este relato de experiência tem por intuito narrar, de forma reflexiva, uma experiência que ocorreu no primeiro semestre de 2019. Trata-se da parceria entre duas professoras - do Departamento de Metodologia da Universidade Federal de Santa Catarina e do Colégio de Aplicação da mesma universidade - durante o componente curricular Estágio Ensino Língua Portuguesa e Literatura I. Elementos da teoria bakhtiniana permearam a prática desenvolvida, bem como a reflexão feita a posteriori e aqui registrada.

Palavras-chave: Colégio de Aplicação. UFSC. Linguagem. Estágio Supervisionado. Bakhtin.

Agulha, linha e tesoura: a apresentação

O trabalho de educador, muitas vezes, é de costura solitária. Planeja o produto, cria seus moldes, faz os recortes, realiza os primeiros alinhavos e vai à sala de aula provar com os estudantes aquilo que preparou. Eles vestem e aí, juntos, os ajustes vão sendo feitos – alfinete aqui, alfinete ali, para depois o professor dar mais alguns pontos em busca da melhor vestimenta.

No entanto, quando se trata da experiência de estágio de ensino, outro processo se estabelece. Como é costurar com várias mãos, agulhas e tecidos?

O presente texto tem por intuito relatar, então, de forma reflexiva, uma experiência que ocorreu no primeiro semestre de 2019. Trata-se de uma parceria entre duas professoras³ - do Departamento de Metodologia da Universidade Federal de Santa Catarina e do Colégio de Aplicação da mesma universidade - durante o componente curricular Estágio Ensino Língua Portuguesa e Literatura I⁴.

Lidar com linguagem implica considerar um movimento contínuo, com idas e vindas, por meio da palavra. Compreendemos que a palavra do outro é fundante da existência de cada um de nós. Deste modo, somos o que somos porque o outro nos dirigiu a palavra, enveredou signos – ideológicos, por natureza – em nossa direção, lançando-nos seus sentidos (MIOTELLO; MOURA, 2016). Vivenciamos

¹ Professora do Colégio de Aplicação da UFSC. Email: anacarinabaron@hotmail.com

² Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC. Email: fabiana.giovani@ufsc.br

³ Chamamos a atenção para o fato de ser a primeira experiência, já que ambas, professora regente e professora supervisora, ingressaram na instituição em data próxima ao trabalho desenvolvido.

⁴ Nível Fundamental, no caso em questão, 7º ano.



então, mediadas pela linguagem, um evento processual e é justamente a ideia do todo dessa interação que gerou a reflexão que ora apresentamos, através da palavra que nos provocou a construir a nossa colcha de retalhos.

O texto encontra-se dividido da seguinte forma: primeira sessão, na qual apresentamos o Colégio de Aplicação e a abertura para o Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura; a sessão dois, em que trazemos as reflexões teóricas que pautaram o nosso trabalho e, sobretudo, o nosso diálogo; a terceira sessão, em que apresentamos o produto reflexivo de nosso trabalho e, por fim, as considerações finais.

1 Os retalhos: O CA e o Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura

A criação do Colégio de Aplicação (doravante CA) se deu no ano de 1961, quando se chamava “Ginásio de Aplicação”, sob a motivação de cumprir a função legal (Decreto Lei nº 9.053 de 12 de março de 1946) de servir como um campo de estágio aos alunos matriculados nos cursos de Didática da Faculdade Catarinense de Filosofia. Inicialmente foi implantada a então chamada primeira série ginásial e, a cada ano subsequente, era acrescida uma nova série até que se completassem as quatro compreendidas pelo ciclo ginásial. Nesse sentido, destaca-se o fato de o colégio estar inserido no contexto federal de ensino (sendo, atualmente, atrelado ao Centro de Educação da UFSC), compartilhando do tripé que o caracteriza - isto é, pesquisa, ensino e extensão - e, ademais, sua vocação para a formação de professores e implementação de metodologias e práticas de ensino, aproximando os saberes acadêmicos produzidos nas licenciaturas de sua execução na sala de aula.

Em 1970, o nome foi substituído para “Colégio de Aplicação” e foram incluídos os chamados cursos “Clássico” e “Científico” e, já em 1980, foram acrescentados aos cursos existentes o Ensino Fundamental com a implementação de oito turmas, duas para cada uma das quatro séries iniciais. Até então, os alunos que cursavam o colégio de aplicação eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da UFSC. Apenas após a resolução de nº13/CEPE/92 é que o CA assumiu o formato que possui hoje: o ingresso via sorteio aberto à comunidade e as turmas em número de três por série com vinte e cinco alunos cada uma (UFSC, 2019).

É relevante ressaltar que o sorteio ocorre de forma eletrônica e anônima (utilizando-se de um mecanismo denominado “semente aleatória”) a partir de editais lançados anualmente. Ademais, desde 2008 ficou estabelecida a reserva de vaga de 5% dos sorteios para alunos com deficiência, por meio da ação civil pública de nº 2001.72.00.001291-8, que demanda que no colégio sejam incluídos alunos com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades/superdotação.

O CA dispõe de catorze professoras de educação especial que realizam o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e atuam como codocentes, além de uma equipe multiprofissional



composta por fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, técnicos em acessibilidade educacional e orientadores educacionais. Atualmente, a escola possui matriculados 73 estudantes que são atendidos pela educação especial, dentre os quais 53 são estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades.⁵

A escola, ainda que pública - no caso, federal -, diferencia-se das demais escolas também públicas de outros âmbitos pela série de recursos humanos e estruturais de que dispõe. Salientamos entre os recursos estruturais a existência de duas salas de música, duas salas de artes cênicas/dança, uma casa de artes, uma biblioteca bem equipada e atualizada, um auditório, uma horta. Ademais, ainda nesse quesito, as disciplinas dispõem de laboratório particulares (no caso específico das línguas e linguagens, há laboratórios separados para inglês, espanhol, francês e alemão e um grande laboratório de linguagens, compartilhado por português e outras disciplinas).

No que tange aos recursos humanos, salientamos o baixo número de professores substitutos. No momento, contamos com alguns na área de linguagens, e o número alto de professores de português, no caso sete, número elevado que facilita sua prática docente dado que cada um dos professores pode dedicar-se a uma série em particular, não trabalhando com cargas horárias exaustivas em diferentes anos e turmas.

Ainda que não haja bons equipamentos disponíveis para um trabalho com editoração de textos e com outros recursos digitais, nem um acervo de livros que contemple plenamente as necessidades da disciplina de língua portuguesa, o CA é um espaço privilegiado para a realização do trabalho com a linguagem e, portanto, para atuar na formação de professores de Língua Portuguesa por meio do estágio supervisionado. Assim, os sétimos anos⁶ receberam cinco estagiárias⁷ vinculadas ao curso Licenciatura em Letras, para cursar o Componente curricular Estágio de Língua Portuguesa e Literatura I. Sob a orientação da professora supervisora, elas desenvolveram um trabalho sob três frentes: a primeira, a imersão no espaço escolar e observação das aulas da professora regente na turma onde se realizaria o estágio, materializadas na escrita de um primeiro relatório; a segunda, na reflexão, e proposição e execução de um plano de aulas, construído em consonância com as práticas e questões que emergiriam no contato com a escola; e, finalmente, a terceira, quando se daria a produção de um relatório final de estágio, integrado pelo projeto de ensino e planos de aula e pelos relatos da execução de tais aulas.

⁵ Os estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades, cujo número pode variar no decorrer do ano letivo, são acompanhados no AEE no contraturno. Os demais estudantes desse total de 73 apresentam transtornos específicos de aprendizado.

⁶ No caso três, comportando por volta de vinte e cinco alunos cada.

⁷ Na realização do estágio, formaram-se duas duplas. Dessa forma, uma dupla ficou com o sétimo ano A; uma estagiária assumiu sozinha o sétimo ano B; e outra dupla trabalhou com o sétimo ano C.



Sendo a experiência a primeira de estágio na instituição para ambas as professoras - regente e supervisora do CA e do estágio – optou-se por manter um grande diálogo envolvendo as professoras e as alunas estagiárias – garantindo uma melhor qualidade aos protagonistas de todo o processo: os alunos.

2 Alinhando os retalhos

Professora supervisora e regente iniciaram o diálogo de orientação de estágio a partir de uma postura educacional diferenciada, que é situar a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, em que os falantes se tornam sujeitos do que dizem ou fazem. Como aponta Geraldi:

A linguagem é uma forma de interação: mais que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala (GERALDI, 2004 p. 41)

Desse modo, para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos que a praticam no meio social em que vivem. É indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam a uma mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada e que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido, pois é apenas sobre este terreno preciso ou nesse contexto, que a troca linguística se torna possível. É ainda necessário destacar que para abordar um tema complexo como é o ensino de língua materna é preciso, como aponta Geraldi (2004) em sua obra lá nos anos 80, que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula. Assim, segundo esse autor, os conteúdos ensinados, o enfoque que se dá a esses conteúdos, as estratégias de trabalho com os alunos, a bibliografia utilizada, o sistema de avaliação, o relacionamento com os alunos, corresponderão, nas nossas atividades concretas de sala de aula, ao caminho por qual optamos. Dessa forma, mais do que propiciar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana, pois é através dela que o sujeito pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando. É também com essa linguagem que o falante age sobre o ouvinte constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam antes da fala.

De acordo ainda com Geraldi (2002), a questão da linguagem é fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer ser humano pois é esta que permite aos sujeitos a compreensão do mundo e como estes devem nele agir. O espaço onde ocorre a constituição desses sujeitos e de produção de linguagem é a interlocução, ou seja, a interação do “eu” com o “outro”. Dessa forma, é a linguagem que permeia relações



importantes e necessárias como os encontros, desencontros, confrontos de posições que, ao se tornarem públicas, evidencia toda uma carga ideológica além de revelar a posição de cada indivíduo na sociedade.

Esse pressuposto teórico também é/foi compartilhado com as estagiárias que manifestaram esse reconhecimento, especialmente, ao organizar todo o projeto prático a ser aplicado aos alunos dos sétimos anos a partir do texto e da inter(ação) com os alunos. Quanto à compreensão do que seja o texto, os estudos do teórico Mikhail Bakhtin (2003) apontam que a utilização da língua se efetua em forma de enunciados - orais ou escritos - concretos e únicos, oriundos de sujeitos pertencentes a inúmeras esferas da atividade humana. Ainda que o caráter e os modos dessa utilização sejam variados, como as próprias esferas da atividade humana, a unidade da língua não é comprometida, mantendo-se una e, assim, possibilitando a interação entre os sujeitos falantes, mesmo que estes ocupem ou representem diferentes lugares na sociedade. O fato de cada esfera de utilização da língua elaborar tipos relativamente estáveis de enunciado é denominado, pelo teórico, gêneros do discurso. Dessa forma, pode-se dizer que qualquer querer-dizer de um locutor é moldado, primeiramente, na escolha de um gênero do discurso. Escolha esta que é determinada em função da especificidade de cada esfera da comunicação verbal e adapta-se a algumas necessidades como, por exemplo, a temática, os objetivos dos parceiros do discurso, etc.

As estagiárias organizaram as atividades envolvendo gêneros do discurso, priorizando o trabalho prático, como a professora regente, os eixos oralidade, leitura, escrita e análise linguística (ANTUNES, 2003). É sobre o trabalho no interior dos eixos que vamos refletir na próxima sessão.

3 O efeito estético da costura dos retalhos

A nossa reflexão – professora regente e professora supervisora –, *a posteriori*, nos permite avaliar a nossa parceria por meio da análise dos eixos de trabalho desenvolvido pelas estagiárias. A constatação mais importante a que chegamos é que os projetos elaborados e executados pelas estagiárias, durante a parte prática do estágio, foram bem-sucedidos à medida em que elas acompanharam exemplos de atividades desenvolvidas pela professora regente no interior de cada eixo, no decorrer da observação, período que antecedeu a parte prática do estágio.

Costureiras ainda iniciantes, percebemos que as estagiárias propuseram formas e criaram modelagens próprias tendo como ponto de partida os moldes utilizados pela professora regente.

No eixo oralidade, as estagiárias acompanharam exemplo da professora na seguinte prática:

Em conversa com a professora, ela explicou que para ela o ato dos alunos questionarem e conversarem sobre a atividade é um sinal positivo de interação e interesse pelo conteúdo e, portanto, não existiria um problema na troca de informações (Relatório de Observação de M., 2019, p. 16)



Esse tipo de postura da professora regente possibilitou a elaboração de atividades que instigassem bastante o posicionamento dos alunos e de sua manifestação por meio da oralidade. Segue exemplo:

(...) A partir do gancho de identidade do relato produzido pelos alunos, levá-los à reflexão: Quanto a língua que falamos influencia quem somos? Ouvir as hipóteses levantadas por eles. Escrever no quadro a questão norteadora da aula: Por que ter aula de Língua Portuguesa? (...) Iniciar uma reflexão a partir das hipóteses levantadas e fomentá-la com mais, tais como: “Vocês aprenderam português na escola ou já falavam antes?”, “Se falavam antes, por que ter uma aula de uma língua que já falam?”, “A aula de português funciona igual às de inglês, francês, espanhol que vocês têm aqui na escola?” (...) Estimular a discussão a partir de perguntas: Qual o modo “certo” de falar essas palavras? Quem decide o que é certo e errado? Escrever no quadro “Preconceito” e pedir para os alunos definirem a palavra, anotar no quadro as respostas. Completar: “Preconceito Linguístico” e novamente anotar as respostas que surgirem (Planos de aula 6 e 7 de C., 2019).

No interior do eixo leitura, segue exemplo do trabalho realizado pela professora regente no período de observação:

Sobre os combinados, o primeiro refere-se aos cadernos de leitura que a professora está organizando para o projeto inicial de leitura na disciplina, chamado “Em busca do livro perfeito”, no qual os alunos escolhem livros e realizam 3 *feedbacks* / leituras obrigatórias, e como resultado final, eles poderão, ou não, ter encontrado o seu livro perfeito. A troca de um livro por outro, caso a leitura não seja satisfatória é permitida, e tal mudança deverá constar no livro de leitura dos alunos, mas a leitura mínima será de 3 livros. Enquanto a professora combina com os alunos que ainda não possuem cadernos, alguns alunos conversam sobre as colagens realizadas como customização do caderno de leitura, e outros copiam a pauta (Relatório de observação de M., 2019, p. 13).

Essa valorização da professora regente pela leitura, acompanhada de perto por todas as estagiárias, gerou práticas de leitura como, por exemplo:

Proporei uma discussão sobre emoções e memória, com algumas provocações que levem à leitura do conto “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo. Em seguida, pedirei que os alunos se reúnam em duplas, leiam silenciosamente o texto e se preparem para que um dos dois leia em voz alta um parágrafo do texto (cada dupla receberá a o texto com a marcação de um parágrafo predefinido por mim) para a turma, para que possamos todos ouvir em seguida a leitura completa do texto em voz alta. Essa atividade levará cerca de 20 minutos, incluídas a leitura silenciosa e a leitura coletiva em voz alta. Na aula após o recreio, convidarei a turma a dar suas impressões sobre o texto (Planos de aula 8 e 9 de A., 2019).

Com relação à escrita, as estagiárias puderam acompanhar a seguinte prática da professora:

A professora solicitou a atenção deles antes de retomar as atividades para encaminhar a próxima atividade de produção textual, que deverá ser feita em casa. A atividade é individual e consiste na escolha de uma pessoa muito importante, e no texto descritivo eles terão que utilizar os conhecimentos de denotação e conotação, assim como escrita objetiva e subjetiva, e o objetivo é a construção de um texto poético, uma espécie de homenagem (Relatório de observação de M., 2019, p. 15).



O acompanhamento de atividades de escrita, por parte da professora regente, incentivou as estagiárias a desenvolverem práticas como, por exemplo, a exposta a seguir:

A primeira atividade, que consiste em descrição e características a partir de fotos de diferentes etnias. Os alunos se organizarão em grupos de 4. A eles serão dadas fotos de diferentes pessoas de diferentes etnias, sobretudo etnias que não integram o quadro cultural e racial da brasilidade. A atividade consiste em, a partir da imagem, descrever a pessoa aí apresentada, respondendo a questionamentos como: quem é essa pessoa? Onde ela mora? Com quem ela trabalha? Quais são as suas características? Ela tem família? Ela tem amigos? Quais são seus hobbies? Ela estudou? Na sequência os alunos apresentarão para a turma aquilo que escreveram e as descrições que surgiram, as atribuições raciais serão retomadas a seguir, no debate dos contos (Planos de aula 1 e 2 de N., 2019).

Finalmente, com relação ao eixo análise linguística, avaliando o trabalho das estagiárias, chegamos à conclusão de que elas tinham muito respaldo teórico sobre a temática, mas não tiveram a oportunidade de acompanhar, durante as observações, nenhuma prática da professora regente nesse aspecto. Desse modo, as atividades planejadas no interior do eixo foram desenvolvidas de modo mais tradicional e descontextualizado, sem conexão com o texto, o que foi incoerente com a teoria de apoio. Isso fica evidente no seguinte exemplo:

Nesta primeira aula, nos primeiros dez minutos, a estagiária retomará o conteúdo sobre o tempo, e o espaço na narrativa. Em seguida, introduzirá noções básicas do verbo no pretérito, sempre convidando os discentes a participarem da aula. Para essa introdução, a estagiária levará fotocópias de um fragmento do livro: “O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares” para, assim, eles poderem destacar os verbos no passado com base no texto (Plano de aula 5 de C., 2019).

Ainda que no planejamento a proposta fosse discutir a questão do verbo a partir de um texto, na prática, a explicação do tempo verbal veio isolada, o que gerou muitas dúvidas e questionamentos por parte dos alunos. O texto que seria introdutório e pautaria a compreensão do tempo verbal proposto entrou ao final, como pretexto para que eles ‘aplicassem’ o conhecimento apre(e)ndido.

O uso da colcha de retalhos: considerações finais

Costurar a muitas mãos não é tarefa fácil e leva, muitas vezes, a um resultado diferente daquele que, individualmente, poderíamos almejar. Aí está sua riqueza em possibilitar que outras formas apareçam. Construimos uma colcha harmônica de concepções e práticas, mas também com suas imperfeições.

Sendo o Colégio de Aplicação da UFSC um lugar privilegiado para que se desenvolvam práticas de estágio supervisionado, professoras em início de carreira na instituição – a supervisora e a regente – realizaram um trabalho dialogado e, ao refletir sobre o mesmo, indiciam elementos fundamentais



no que diz respeito à formação de professores de linguagem dos quais chamamos a atenção para dois, a saber:

O primeiro deles diz respeito ao quão importante foi o uso e a compreensão da palavra na interação efetiva entre professoras formadoras e entre elas com as estagiárias. Partir do mesmo pressuposto teórico de considerar a sala de aula como o lugar ideal para a constituição de sujeitos por meio de textos foi essencial para que as estagiárias reconhecessem ali um lugar fértil de aprendizagem e oportunidade de colocar em prática o arcabouço teórico que traziam até o momento.

Segundo, a experiência relatada deixa claro que ter uma bagagem teórica como a que tinham as estagiárias ao iniciar o processo de estágio não foi suficiente para uma prática efetiva. De modo que acompanhar o trabalho de uma professora regente sob o mesmo viés teórico contribuiu e muito para a prática realizada. Essa questão fica evidente justamente ao exemplificar que o eixo em que elas não tiveram exemplos práticos da regente como a análise linguística não foi bem executado. As estagiárias tinham repertório teórico para falar sobre a questão, mas não conseguiram colocar em prática realizando, então, um trabalho de reflexão sobre a língua através de exemplos descontextualizados e desvinculados do texto, carro-chefe do trabalho com a linguagem. Esses fios soltos, a costura não tão bem feita, estão ali, nesse trabalho, e mostram o que devemos rever em futuras práticas.

Enfim, interação e linguagem são linha e agulha, elementos que nos permitem lidar com mais coerência e efetividade na formação de professores por meio do estágio supervisionado que continuarão sendo efetivados do CA da UFSC por meio de nossa parceria.

RETAIL BEDROOM: REFLECTIONS ON THE SUPERVISED INTERNSHIP OF PORTUGUESE LANGUAGE AND LITERATURE AT THE COLLEGE OF APPLICATION UFSC/SC

Abstract

The experience report aims to reflect, reflexively, an experience that occurred in the first semester of 2019. It is the partnership of two teachers – from the Methodology Department of the Federal University of Santa Catarina and from the College of Application of the same university - during the curricular component Internship Teaching Portuguese Language and Literature I. Elements of Bakhtinian theory permeated the developed practice, as well as the reflection made afterwards and recorded here.

Keywords: College of Application. UFSC. Language. Supervised internship. Bakhtin

Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2004.



BRASIL. **Parâmetros curriculares Nacionais**. MEC. 1998.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Portos de passagem**. São Paulo: Ática, 2002.

MOURA, M. I; MIOTELLO, V. A escuta da palavra alheia. In: RODRIGUES, R. H.; PEREIRA, R. A. **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João editores, 2016.

UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. Colégio de Aplicação – site. 2019 Disponível em: <<http://www.ca.ufsc.br/>>. Acesso em: Set. 2019.

_____. Projeto Político-Pedagógico (PPP) Versão Resumida. Colégio de Aplicação. 2012. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2451122/mod_resource/content/2/PPP-revisado-CA.pdf>. Acesso em: Set. 2019.

VIEIRA S.R. & BRANDÃO, S. F. (Orgs.) **Ensino de Gramática**. Descrição e uso. São Paulo. Editora Contexto, 2008.

